

Uma autora preenche as lacunas da sua história: sobre memória, trauma e Literatura

Milena Hoffmann Kunrath¹

Universidade Federal de Pelotas, UFPel, Porto Alegre, RS, Brasil

Resumo: Katja Petrowskaja, ucraniana, nascida em Kiev, estuda Literatura na Rússia e acaba migrando para a Alemanha, onde aprende o idioma, casa-se e publica um livro na língua do país que a acolheu intitulado *Talvez Esther*. O romance conta a trajetória de sua família desde o século XIX, quando fogem da Áustria para a Polônia e depois para a Ucrânia. Passam por alguns pogroms, duas Guerras, o Holomodor, o Babi Yar e a ditadura soviética, não exatamente nessa ordem. Katja pretende encontrar os indícios das histórias que ouviu durante toda sua vida, as anedotas, os casos curiosos, o talento para ensinar crianças surdas-mudas e talvez algum parente perdido, mas principalmente a sua identidade no mundo. Usando as teorias de trauma e testemunho, busca-se, neste artigo, compreender o que Petrowskaja quer encontrar e de que forma ela pode, literariamente, reconciliar-se com esse passado.

Palavras-chave: Memória; Trauma; Talvez Esther; Katja Petrowskaja.

Title: An author fills in the gaps in her story: about memory, trauma, and Literature

Abstract: Katja Petrowskaja, Ukrainian, born in Kiev, studies Literature in Russia and ends up migrating to Germany where she learns the language, gets married and publishes a book in the language of the country that welcomed her: entitled *Maybe Esther*. The novel tells the story of her family since the 19th century, when, still Jews, they fled from Austria to Poland and then to Ukraine. They go through some pogroms, two wars, the Holomodor, the Babi Yar and the Soviet dictatorship, not exactly in that order. Katja intends to find evidence of the stories she heard throughout her life, the anecdotes, the curious cases, the talent for teaching deaf-mute children and perhaps some lost relatives, but mainly her identity in the world. Using trauma and testimony theories, we seek, in this paper, to understand what Petrowskaja wants to find and how she can, literarily, reconcile herself with this past.

Keywords: Memory; Trauma; Maybe Esther; Katja Petrowskaja.

¹ Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3335-1152>. E-mail: milena.kunrath@gmail.com.

Introdução

No próximo ano, serão comemorados os 80 anos do término da Segunda Guerra Mundial. É natural imaginar que, depois de tanto tempo e de uma exploração imensa do assunto, pouco haja para falar sobre a guerra em si ou suas consequências. No entanto, encontramos uma profusão de histórias divulgadas em todo tipo de mídias: documentários e revisões históricas, livros e filmes com apelo ficcional. Além disso, não é raro encontrar notícias sobre bombas do período desencavadas em grandes centros; mais raras, pela natural morte das testemunhas diretas do evento, são as decisões jurídicas que colocam nonagenários em prisão domiciliar, graças a novos entendimentos legais.

O fato do envelhecimento e do conseqüente desaparecimento das testemunhas diretas da Segunda Guerra Mundial (participantes, vítimas ou algozes) não diminuiu o interesse das gerações seguintes, em especial as que, de alguma forma, foram afetadas pelo conflito. Os filhos e, principalmente, netos, agora sem a preocupação de gerarem conflitos familiares ou serem prejudicados no trabalho, começam a investigar o histórico familiar para compreender melhor a própria origem. A escritora Katja Petrowskaja percorre a história do seu berço familiar em busca de preencher as lacunas de sua vida pregressa, como diz Seligmann-Silva (2009, n.p.²): “O testemunho também é de certo modo uma tentativa de reunir os fragmentos do ‘passado’ (que não passa) dando um nexos e um contexto aos mesmos”. O livro da autora ucraniana é escrito em alemão, língua do invasor, o que gera uma série de conflitos internos para a própria narradora/detetive.

Neste artigo, iremos percorrer com a autora alguns de seus confrontos do livro *Talvez Esther*, onde Katja, nascida em Kiev, doutora em Teoria Literária, de família judia em constante movimento (por toda a Europa para fugir da perseguição e atrás de melhores condições de trabalho), procura compreender de que forma acabou chegando onde chegou e por que alcançou esse destino.

Início da busca

A narrativa em primeira pessoa começa, não por acaso, na principal estação de trem de Berlim. Katja está prestes a embarcar para a Polônia, de onde seu bisavô, Oziel, emigrou para a Ucrânia. Temos uma observadora voraz: a descrição do ambiente é apurada, mas a descrição do que ela sente ao estar lá e as elucubrações que faz enquanto relaciona lembranças de um passado distante, acontecimentos históricos, ironias do destino e notícias de jornal é ainda mais. O leitor já se depara inicialmente com o seu olhar atento e minucioso. Na *Hauptbahnhof*, há um cartaz com os dizeres “BOMBARDIER Bem vindo a Berlim” (Petrowskaja, 2019, posição. 35). Um senhor se aproxima e pergunta a ela do que se trata o reclame, que, para ele, remete àquela guerra e às bombas – como poderia a cidade saudar alguém daquela forma? Depois de alguns parágrafos de reflexões internas, durante os quais a

² Texto de aula não numerado do autor. Disponível em: <https://texsituras.wordpress.com/wp-content/uploads/2010/03/testemunho-da-shoah-e-literatura-seligmann-silva.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2024.

autora lembra que também já se questionou sobre isso, ela responde que se trata de um musical francês que está fazendo um grande sucesso na cidade, e o fato de a palavra da propaganda não fazer alusão a isso já havia sido tema de uma reportagem. O senhor vai, coincidentemente, para a mesma cidade que a autora: é um americano, cuja esposa procurava a aldeia da qual a avó emigrara. Petrowskaja fala sobre a sua busca:

[...] Conteí sobre a cidade polonesa da qual meus antepassados haviam partido para Varsóvia fazia cem anos, e, de lá, mais para o leste, talvez apenas para me legar a língua russa, que agora, muito generosamente, não transmito a ninguém, *dead end*, portanto, fim; [...] (Petrowskaja, 2019, posição 59).

O americano está entusiasmado pelo trabalho de detetive, embora nem ele nem a esposa soubessem algo da língua do país ou se ainda moravam judeus naquela localidade. Katja conta sobre como o novo amigo narra sua busca: “[...] claro, não havia sobrado nada — *claro* e *nada* ele disse para enfatizar a falta de sentido daquela sua jornada, eu também digo *claro* e até mesmo *naturalmente* com muita frequência, como se esse desaparecimento, esse nada, fosse claro ou natural” (Petrowskaja, 2019, posição 69). O texto da autora é abundante em informações, não só pela narrativa da busca, mas também por um fluxo de pensamentos e reflexões de toda ordem, aparentemente desconexo, contudo, que elucida para o leitor como funciona o processo de lembrança e entendimento de Petrowskaja. Destacamos aqui, que essa narração também é a lembrança de uma viagem de busca que causou impacto para a narradora, e sua elaboração resultará no texto – é quase uma memória do resgate de outros testemunhos. Beatriz Sarlo (2007) escreve sobre os momentos traumáticos que serão revividos de forma ficcional, o que não é o caso de Petrowskaja, pois ela não viveu diretamente o trauma, mas podemos dizer que ela também o carrega através da memória familiar:

A narração da experiência está unida ao corpo e à voz, a uma presença real do sujeito na cena do passado. Não há testemunho sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração: a linguagem liberta o aspecto mudo da experiência, redime-a de seu imediatismo ou de seu esquecimento e a transforma no comunicável, isto é, comum. A narração inscreve a experiência numa temporalidade que não é de seu acontecer (ameaçado desde seu próprio começo pela passagem do tempo e pelo irrepitível), mas de sua lembrança. A narração também funda uma temporalidade, que a cada repetição e a cada variante torna a se atualizar (Sarlo, 2007, p. 24).

Seligmann-Silva (2009) não fará distinção entre as ficções escritas sobre os traumas por testemunhas diretas ou indiretas quando fala em literatura de testemunho. O autor remete ao processo de escrita da biografia tardia da sobrevivente do campo de concentração, e coincidentemente também, tal como Katja, doutora em Literatura, Ruth Klüger (RK)

escreve no ritmo das suas recordações, embala seus leitores numa cadeia de associações livres e deixa claro que escreve a partir do seu presente. Se ela escreveu em alemão e não em inglês foi porque tinha na mira antes de mais nada o público de língua alemã: visava um diálogo que felizmente deu-se desde a publicação do livro

que foi logo aclamado, primeiro na Alemanha e depois em outros países, como uma das principais obras escritas por um sobrevivente dos KZ (Seligmann-Silva, 2009³)

Para Seligmann-Silva (2009), Klüger desenvolve, da mesma forma que Petrowskaja, uma escrita reflexiva que não irá simplesmente resgatar e ordenar os acontecimentos – atingindo os objetivos mais comuns da escrita de testemunho⁴ –, mas sim elaborá-los de forma que tanto a(s) escritora(s) quanto os leitores possam fruir literariamente e experimentar certa compreensão pela busca sem a expectativa de respostas definitivas.

A história da família

Quando começa, de fato, a percorrer sua árvore genealógica, Katja traz-nos imagens de um pinheiro, pois somos convidados a entrar em sua mente imagética. Ela, então, divide conosco que imaginou ser muito fácil percorrer a história de sua família. No entanto, enquanto enumera todo tipo de profissão em que os seus parentes estiveram envolvidos, a tarefa não parece mais tão simples: “Na minha família tinha de tudo, pensava eu, pretensiosa, um camponês, muitos professores, um provocador, um físico e um poeta. Mas, acima de tudo, lendas” (Petrowskaja, 2019, posição 118). É quando Katja dá-se conta do apagamento provocado pelas questões políticas que envolveram o regime de 1917:

Num outro tempo, anterior às festas em torno de nossa mesa comprida, uma família grande era uma maldição, porque entre os parentes podia haver guardas brancos, sabotadores, aristocratas, culaques, familiares vivendo no estrangeiro, gente demasiado instruída, inimigos do povo e os filhos deles, bem como outras figuras suspeitas, e sob suspeita estavam todos, razão pela qual as famílias sofriam de certa atrofia da memória, muitas vezes para se salvar, o que raras vezes ajudava; na época daquelas nossas festas, se parentes assim havia, boa parte deles já estava esquecida, muitas vezes ocultada das crianças, de modo que as famílias encolhiam ramos inteiros caídos no esquecimento, o clã se desmanchava, até restar apenas a piada sobre os dois de mesmo sobrenome. Você é parente dele? De jeito nenhum, não somos nem xarás! (Petrowskaja, 2019, posição 190).

Foi da mesma forma por esse motivo que a família, de origem judaica, acabou abandonando a religião. Não havia mais como mantê-la sem o risco de perseguição. Chama a atenção, aqui, o testemunho de Katja, que viveu o peso da ditadura comunista enquanto cidadã ucraniana da União Soviética e herdou os traumas passados da perseguição aos judeus (traço étnico do qual ela não mais compartilha) no território europeu até seu ápice, com o surgimento do nazismo. Não há somente *um* acontecimento marcante: toda a trajetória da família de Petrowskaja é movida pelos traumas. Estão sempre em trânsito, sempre em fuga, sempre tomando decisões nas quais um “erro de cálculo” pode significar a vida ou a morte.

³ Texto de aula não numerado do autor. Disponível em: <https://texsituras.wordpress.com/wp-content/uploads/2010/03/testemunho-da-shoah-e-literatura-seligmann-silva.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2024.

⁴ Seligmann-Silva (2009) enumera as principais justificativas da literatura de testemunho: “[...] 1) um impulso para se livrar da carga pesada da memória do mal passado; 2) como dívida de memória para com os que morreram; 3) como um ato de denúncia; 4) como um legado para gerações futuras; e, finalmente, 5) como um gesto humanitário na mediada em que o testemunho serviria como uma memória do mal”.

Nas páginas do livro *Talvez Esther*, vamos encontrar mais de um “talvez”, e o advérbio utilizado pela autora nos aponta para as várias possibilidades do que poderia ter acontecido: “se”. Essas, porém, são apenas especulações que, no decorrer da obra, irão instigar cada vez mais o leitor.

Vida em família

Ao longo do texto, Petrowskaja alterna suas recordações familiares pessoais, ou seja, as memórias do que foi contado do passado, e a busca, no presente, pelos traços deixados pelos seus antepassados. Tudo isso é intercalado por impressões pessoais e comentários não só focados nas descobertas, mas também, às vezes, um pouco aleatórios, como se a autora fosse incapaz de controlar sua mente, que a todo momento faz conexões com os estímulos que recebe. Ela seguidamente brinca com as palavras e coteja a história da família usando exemplos da língua russa em comparação com a língua alemã⁵, quando narra sua convivência com as duas avós, já idosas:

As duas tinham um parafuso a menos, mas a expressão russa correspondente a essa não fala em parafusos: fala em “não estarem todos em casa”. Eu tinha medo disso, embora minhas babuchkas quase sempre estivessem em casa, provavelmente para minha proteção. Ainda assim, isso de não estarem todos em casa – ou simplesmente esses todos – me alarmava, como se os outros soubessem alguma coisa de nós que ninguém havia me contado, como se soubessem quem ou o que estava faltando (Petrowskaja, 2019, posição 166).

Petrowskaja não sabe ao certo quando sua busca começou. Portando uma série de listas, a narradora as percorre atrás dos supostos sobrenomes dos antepassados. Supostos, pois muitos alteraram ou trocaram os nomes. Geller pode ser Heller. Parece que há Levi e Stern, mas a quantidade de Sterns que existe é assustadora. Há também os Krzewins e até alguns nomes próprios, as respectivas localidades e as datas de quando estes lá residiram. Porém, teria realmente sido isso? Mas, quando finalmente toma a decisão de buscar pela família perdida, Katja perde uma importante fonte de informações: “Quando Lida, a irmã mais velha de minha mãe, morreu, compreendi o significado da palavra ‘história’. Minha ânsia por saber estava madura, eu estava pronta para enfrentar os moinhos de vento da memória, e foi então que ela morreu” (Petrowskaja, 2019, posição 248). A autora percebe que o que sempre esteve disponível para ela agora não se encontra mais, e o que eram apenas ideias e pensamentos sobre a vida e sua busca se tornam reflexões mais densas sobre o entendimento da memória.

História é quando, de repente, não há mais ninguém a quem perguntar, só restam as fontes. Eu não tinha mais ninguém a quem pudesse fazer as minhas perguntas, ninguém que pudesse se lembrar dos tempos passados. Tudo que me restava eram fragmentos de lembranças, além de apontamentos e documentos duvidosos guardados em arquivos distantes (Petrowskaja, 2019, posição 252)

⁵ No alemão, língua original da obra, “ter um parafuso a menos”, é traduzido, literalmente, por “não ter todas as xícaras no armário”.

A trajetória da família da mãe e a da família do pai vão ser descritas aos poucos, conforme os dados que Katja possui. As avós foram muito marcantes, pois moraram com a família. A autora reconhece características judaicas apenas na culinária e em algumas palavras soltas, já que, na época de seu nascimento, a religião já havia sido abandonada. Porém, na história da família e no livro, as marcas são evidentes.

A falecida tia Lida era a última da longa linhagem familiar que havia ensinado crianças surdas-mudas – “conhecia o segredo” (Petrowskaja, 2019, posição 259). Segundo Rosa, a avó da autora, sete gerações da família haviam ensinado crianças surdas-mudas. O avô da mãe, Schimon Heller (ou Geller em russo) explicava por que era tão importante ensinar as crianças surdas judias a falar:

Ensinava crianças a falar para que fossem ouvidas, do contrário seus irmãos na fé as considerariam mentalmente perturbadas, porque a compreensão e a razão têm a sua sede na língua falada, ou assim pensavam na época. Aquele que é ouvido não se olvida: pertence ao grupo (Petrowskaja, 2019, posição 458).

Quando a autora sai à procura de provas documentais sobre a escola especial de seus antepassados ou de alguma referência mais concreta, pouco encontra. Existe uma tradução de jornal sobre o nobre antepassado feita por um parente, cujo original se perdeu. Ao procurar em associações israelitas sobre o mesmo tema, encontra uma referência à Simon Heller, da mesma época em que o Simon Heller (ou Geller) parente existiu, professor de crianças especiais. Estas, porém não eram surdas-mudas, mas cegas: “Só pode ser ele, [...] no mundo pequeno da pedagogia para deficientes, só pode ter havido um Simon Heller” (Petrowskaja, 2019, posição 502).

Ao longo da narrativa, temos a impressão de que a autora não necessita encontrar, de fato, os familiares perdidos ou provas de que as lendas narradas de fato aconteceram. Sua busca se concentra muito mais em compreender a própria identidade e encontrar seu lugar no mundo. O decurso do romance coincide com a percepção de Le Goff (1992, p. 9): “[...] a história começou como um *relato*, a narração daquele que pode dizer ‘Eu vi, senti’. Este aspecto da história-relato, da história-testemunho, jamais deixou de estar presente no desenvolvimento da ciência histórica”. Embora a autora em nenhum momento tivesse uma expectativa de veracidade histórica, é importante ressaltar o lugar de convívio que tanto a História quanto a Literatura, entremeada pelo testemunho, podem ocupar. Para Ricoeur:

A história pode ampliar, completar, corrigir, e até mesmo refutar o testemunho da memória sobre o passado, mas não pode aboli-lo. Por quê? Porque, segundo nos pareceu, a memória continua sendo o guardião da última dialética constitutiva da preteridade do passado, a saber, a relação entre o “não mais” que marca seu caráter acabado, abolido, ultrapassado, e o “tendo-sido” que designa seu caráter originário e, nesse sentido, indestrutível (Ricoeur, 2007, p. 505).

É digno de nota que, observando o texto de Petrowskaja, percebe-se que a literatura pode lidar com a memória de uma maneira não tão comprometida e com propósitos diversos daqueles da ciência histórica, mas de mesmo valor.

Guerras

Outro tema sempre presente no texto é a guerra. Qual delas, Katja às vezes se pergunta. Mas isso não parece fazer muita diferença, já que a tragédia da guerra é sempre a mesma. Lembrando que, quando o bisavô e a avó da autora migram para a Ucrânia nos anos 1915 fugindo da Primeira Guerra Mundial, ainda terão que enfrentar a Segunda Guerra Mundial, seguida do Holodomor e, posteriormente, viver num regime ditatorial até o desmantelamento da União Soviética em 1990. Numa anedota irônica da família, consta que um tio-avô de Katja se recusa a deixar Kiev durante a invasão das tropas nazistas, já que é incapaz de acreditar que alguém possa ser pior que Stálin. As privações deixarão diversas marcas nos sobreviventes, algumas delas testemunhadas por Katja, como no caso da avó Rosa:

Comprava um quarto de pão e o escondia debaixo do travesseiro. É assim que se engana a morte: você compra um pedaço de pão, e a morte não pode fazer mal algum. Quanto mais velha ela ia ficando, mais fundo mergulhava de volta na guerra. Minha mãe sempre ficava horrorizada cada vez que encontrava um daqueles pedaços de pão (Petrowskaja, 2019, posição 615).

À avó materna coube a difícil tarefa de gerenciar um orfanato no final da guerra: “O chefe distrital lhe confiou duzentas crianças, e Rosa deveria construir, dirigir e administrar um orfanato para duzentas crianças semifamintas provenientes de Leningrado, nenhuma das quais podia morrer” (Petrowskaja, 2019, posição 665). Não havia qualquer justificativa para o fracasso. Caso não conseguisse, independentemente do motivo, teria que arcar com as consequências. Esse pensamento típico do momento e subentendido entre a comunidade como num acordo tácito, de difícil compreensão para o pensamento ocidental, será explicado mais adiante, quando Katja conta a história de um parente que desertou quando estava prestes a ser capturado:

É proibido ser capturado e, caso aconteça, é proibido sobreviver. Essa era uma das aporias soviéticas da guerra, jamais dita. Quem sobrevive é um traidor, melhor morrer que trair. Por isso, quem retorna da prisão é um traidor e deve ser punido. Com a inexorabilidade da velha lógica, inculciam-nos silogismos desse tipo, não havia defesa contra eles, de tão clássicas que soavam aquelas frases cunhadas para a eternidade; quem não está conosco, está contra nós, mas o Estado não explicava que era culpa sua o fato de os soldados não terem munição, de lutarem com técnicas antiquadas e de nossos grandes estrategistas terem permitido o cerco de seu exército de milhões (Petrowskaja, 2019, posição 2253).

Portanto, a selvageria, a garra com que os russos sempre lutaram se deveu muito mais ao desespero e à falta de escolha do que a alguma qualidade inata. Falhar nunca foi uma opção.

Em 1915, a avó Rosa sai de Varsóvia e imigra para Kiev com seu pai e uma irmã. Em Kiev, eles constroem uma vida: ela passa a lecionar na escola de crianças surdas-mudas. Então, vem a Revolução Russa. Em seguida, o Holodomor. Quando a expectativa de que as coisas não

podem piorar dominam a todos, a Segunda Guerra Mundial é desencadeada. Rosa escapa do massacre do Babi Yar por ter sido enviada ao interior para cuidar dos órfãos, o que não foi exatamente uma sorte. Depois da guerra, a vida, embora mais estável, segue numa ditadura, portanto não melhora consideravelmente.

Katja lembra que a avó economizava escondido para seu funeral, dinheiro este que foi totalmente perdido depois das reformas econômicas da Perestroika. A autora fala do conflito entre o que a avó viveu e o que sua geração viveu, que, com menos adversidades, teve a possibilidade de escolher como seria seu futuro:

Minha avó Rosa não nos teria entendido, a meu irmão e a mim. Quase aos trinta anos de idade, ele aprendeu hebraico, e eu, alemão. Do nada, como pensávamos à época, meu irmão resolveu se dedicar ao judaísmo ortodoxo, e eu me apaixonei por um alemão, duas coisas igualmente distantes da vida e das expectativas de Rosa (Petrowskaja, 2019, posição 759).

A autora narra intensamente a forma como a avó, professora de crianças, naquela época, designadas “surdas-mudas” que, mais tarde, ficou cega, registra suas memórias: “Em seus últimos anos de vida, Rosa escrevia suas memórias sem cessar e com grande pressa, escrevia-as a lápis em papel branco. O papel amarelava logo, como se pretendesse antecipar seu envelhecimento natural [...]” (Petrowskaja, 2019, posição 579).

A forma da escrita em palimpsesto intriga Katja, que é incapaz de recuperar as anotações, já que, devido à cegueira, sua avó escrevia os apontamentos muitas vezes no mesmo papel onde já os havia escrito. Consegue traduzir muito pouco daquilo que Rosa deixou registrado, relata poeticamente: “Uma ou outra palavra escoava pela brenha de lã, ‘doentes’, ‘Moscou’, ‘sacrifício’” (Petrowskaja, 2019, posição 589). Então, Petrowskaja percebe que, mais do que decifrar o que havia sido escrito, o objetivo do registro era outro: “[...] um ponto onde se apegar, um grosso e inextricável fio torcido de Ariadne” (Petrowskaja, 2019, posição 589). A pesquisadora Assmann menciona o romântico inglês Thomas de Quincey sobre a questão da aparente confusão cerebral da avó da autora no que se refere às suas recordações:

O que é o cérebro humano se não um palimpsesto natural e formidável? Camadas inextinguíveis de ideias, imagens, sentimentos lançaram-se sobre teu cérebro tão suavemente como a luz. Cada nova camada parece soterrar sob si mesma todas as que a antecedem. E na verdade nenhuma delas foi extinta? (Quincey, p.272 *apud* Assmann, 2011, p. 167).

As recordações errantes da avó, o seu trauma é herdado por Katja, que recebe o desconforto sem compreendê-lo completamente, mas está disposta a acolher toda e qualquer lembrança que agora fará também parte de sua memória.

Sua guerra tornou-se a minha, assim como fiz minha a sua distinção entre um antes e um depois, até que, em algum momento, já não me foi possível diferenciar a guerra dela dos meus sonhos e relegar suas lembranças às prateleiras da minha memória (Petrowskaja, 2019, posição 793).

Seligmann-Silva completa adicionando a informação de que os narradores que não experienciaram o trauma poderiam ter maior capacidade de narrá-lo do que aqueles que realmente o vivenciaram: “[...] esses autênticos sobreviventes, justamente são incapazes de narrar com tanta precisão os detalhes do ‘olhar da medusa’⁶” (Seligmann-Silva, 2003, p. 378). A neta recebeu, portanto, a tarefa de “honrar” a memória familiar buscando seu percurso e retomando suas vivências, as quais são repletas de emoções ao recuperar o trauma vivido pelos familiares, não só pelos relatos pessoais, mas pelo conhecimento histórico da autora. Na montagem do quebra-cabeça de sua genealogia, bem como da saga dos parentes, os sentimentos afloram. Izquierdo e Jean-Yves Tadié e Marc Tadié também mencionam a presença a comoção na recuperação da memória: “[...] é praticamente inimaginável a aquisição de alguma memória fora de algum estado emocional determinado” (Izquierdo, 2010, posição 1074), visto que esta “[...] é, pois, inteiramente involuntária e dependente da carga emocional, afetiva, da sensação [...]”⁷ (Tadié; Tadié, 1999, p. 112, tradução nossa).

Polônia

Há um certo desconforto da parte de Petrowskaja, em parte por causa da intromissão, como se essa história também não fosse a sua, mas também pela falta de intimidade com o mundo pregresso da língua polonesa, do ídiche, da cultura judaica. A autora narra, abaixo, a percepção de que, mesmo involuntariamente, só domina a língua do opressor:

Como russa, viajei da Alemanha à Varsóvia judia de meus parentes, à Polônia, Polcha; tinha a sensação de que minhas duas línguas faziam de mim uma representante das forças de ocupação. Como descendente dos que lutavam contra a mudez, estava pronta para entrar em ação, mas sem palavras, não falava nenhuma das línguas dos meus antepassados, não falava polonês, nem ídiche, nem hebraico, nem a língua dos sinais, nada sabia da *shtetl*, não conhecia nenhuma oração, era iniciante em todas aquelas disciplinas para as quais meus parentes se sentiam destinados (Petrowskaja, 2019, posição 962).

O sentimento de não pertencimento não a impede, no entanto, de continuar sua busca para aprender e conhecer a realidade de sua família pregressa. Em Varsóvia, procura informações sobre os parentes que chegaram em 1905, mas, aos judeus, as pessoas da cidade só associam a palavra gueto. O gueto, contudo, só viria muito depois. Quando havia alguma possibilidade de segurança ou desenvolvimento pessoal, alguns judeus migravam e outros vinham logo atrás. A população judia da cidade alcançou um número considerável: “[...] Em 1939, quando a guerra começou, a população de Varsóvia era de um milhão de habitantes, e

⁶ Aqui, o autor se refere ao mito grego de Medusa. Górgona, monstro com forma feminina, Medusa profanou com Netuno o templo de Minerva. A punição da deusa foi a transformação dos cabelos da criatura em serpentes e, ao mesmo tempo, conferir-lhe a capacidade de petrificar tudo que seu olhar alcançasse. O olhar de Medusa representa, então, aqui todo ocorrido que ficou fixo e ou congelado. Tal como as pessoas que sofreram a fúria do Vesúvio em Pompeia, as vítimas petrificadas do “olhar de Medusa” testemunham silenciosamente e em todos os seus detalhes fragmentos do passado.

⁷ Original: “[...] est donc entièrement involontaire et sous la dépendance de la charge émotionnelle, affective, de la sensation [...]”.

desses trinta e nove por cento eram judeus” (Petrowskaja, 2019, posição 1006). Depois dessa consideração, a autora faz um breve cálculo, remete às *Stolpersteine*⁸ e pensa quantas seriam necessárias para contemplar os quase meio milhão de judeus que simplesmente desapareceram de Varsóvia: “E como era possível seguir vivendo ali? Se, como em Berlim, se pusesse uma pedra da lembrança na calçada para cada uma daquelas pessoas, todo o pavimento das vielas e ruas de Varsóvia seria de pedras douradas” (Petrowskaja, 2019, posição 1010).

Ainda na cidade, procurando por vestígios familiares no Jewish Genealogy & Family Heritage Center, Katja percebe que pouco foi preservado sobre a história das famílias judias em Varsóvia. Anna, a funcionária que a ajuda, comenta que até seria possível resgatar dados de poloneses, mas, no caso de judeus, “a perda havia sido naturalmente fatal” (Petrowskaja, 2019, posição 1024). Petrowskaja reflete sobre a triste escolha terminológica da moça: “Fiquei pensando naquele *naturalmente fatal*; além de as pessoas terem desaparecido, pouquíssimos eram os indícios de que elas haviam existido” (Petrowskaja, 2019, posição 1024). Além disso, Anna continuamente exalta a sorte de Katja, que encontra rapidamente alguns registros, os quais outros judeus antes delas não teriam tido a felicidade de encontrar. Examinando a situação amplamente, a autora não se considera muito afortunada.

Seguindo em sua busca, Katja vai para Kalisz, onde seu bisavô havia vivido no fim do séc. XIX. Entre algumas descobertas familiares, uma historiadora a introduz a uma curiosa história de apagamento revelada pela arquitetura da cidade: “[...] foi justamente Pani Ania quem me mostrou as letras hebraicas no calçamento das ruas de Kalisz” (Petrowskaja, 2019, posição 1323). A autora segue contando:

As pessoas caminhavam a passos rápidos, seguia chovendo e ninguém parecia saber que algumas ruas da cidade haviam sido pavimentadas com lápides retiradas do antigo cemitério judeu. Ainda durante a guerra, quando não havia mais nenhum judeu em Kalisz, as *matzevot* haviam sido arrancadas do cemitério; as lápides judaicas tinham sido cortadas em retângulos e assentadas de cabeça para baixo do calçamento das ruas, para que não vissem as letras hebraicas. Era um sistema de aniquilação com vários dispositivos de segurança. [...] Alguns anos atrás, a cidade recebeu novas canalizações; as pedras foram removidas e reposicionadas, só que dessa vez ninguém prestou atenção e algumas delas não foram invertidas, revelando as letras do alfabeto hebraico [...] (Petrowskaja, 2019, posição 1323).

É interessante e triste perceber a deliberada extinção da presença do povo judaico não apenas como nação viva, mas também como memória. O cuidado para que as letras das lápides, em sua reutilização profanadora, não aparecessem marca a intencionalidade da aniquilação da lembrança. O sucesso da empreitada se confirma pelo fato de que, anos depois, ninguém se preocupa mais com o que as marcas das lápides poderiam remeter. A autora

⁸ *Stolpersteine*, traduzido literalmente, pedras de tropeço. Trata-se de um projeto artístico do alemão Gunter Demnig que tem por objetivo marcar o local onde residiam as vítimas do nazismo enviadas para deportação através de cubos dourados de cerca de 10cm instalados na frente das respectivas moradias. Também são conhecidas como pedra-obstáculo ou pedras da memória.

afirma, no parágrafo seguinte, que o problema não se tratava nem do não reconhecimento do hebraico nas pedras, mas sim da invisibilidade daquelas pedras como lápides.

Descobri duas ou três; em seguida, pelos vinte metros seguintes, nada; depois outra pedra, e três metros adiante mais duas ou três, um jogo de azar cujas regras ninguém havia estabelecido, aberto a todos, uma espécie de jogo da memória para adultos, mas ninguém jogava comigo, porque ninguém via aquelas letras (Petrowskaja, 2019, posição 1334).

Depois de testemunhar a aniquilação dos vestígios judaicos na Polônia, Petrowskaja segue para Kiev, onde irá relatar algo muito mais terrível, tanto da história familiar e local da Segunda Guerra Mundial, quanto da história universal.

Kiev

Babi Yar significa pouca coisa para os moradores de Kiev hoje em dia. É mais um exemplo de história que não deveria ser lembrado, conta a autora. A ravina onde foram enterrados entre 100 e 200 mil judeus desde o final de setembro de 1941, dias após a entrada dos alemães na cidade, foi definitivamente apagada da história local. Lá, ela vê pessoas praticando esportes, comendo, bebendo, crianças brincando, enfim, uma vida normal, como se nada tivesse acontecido:

Um lugar permanece o mesmo quando ali se mata, depois soterra, explode, cava, incinera, tritura, dispersa, silencia, planta, mente, despeja lixo, inunda, concreta, silencia de novo, interdita; quando se prendem os enlutados, se erguem dez monumentos anos mais tarde, se homenageiam os próprios mortos uma vez por ano ou se crê não ter nada a ver com isso? (Petrowskaja, 2019, posição 1777).

Petrowskaja (2019) entende que os judeus que estiveram no gueto pelo menos tiveram tempo de entender o que estava acontecendo, enquanto aqueles que pereceram em Babi Yar não puderam sequer perceber que logo seriam mortos. Mas o que fazer daquele lugar que, para os soviéticos, deveria ser esquecido, já que o nazismo teria sido uma praga capitalista que foi definitivamente extirpada de seu território? Katja também é incapaz de responder a esta questão: “Eu preferia que Babi Yar tivesse agora o aspecto de uma paisagem lunar? Um lugar exótico? Tóxico? Todas as pessoas devoradas pela dor? Por que elas não veem o que eu vejo?” (Petrowskaja, 2019, posição 1804).

Porque na Alemanha cada remota esquina onde aconteceu alguma fatalidade durante a guerra é marcada por monumentos artísticos, que causam comoção nos críticos, mas que muitas vezes já são tão pertencentes à paisagem que não remetem a tragédia nenhuma para os passantes. Qual a diferença entre o apagamento intencional e o involuntário, que ocorre pelo hábito?

Hoje, ao procurar a ravina majestosa — antes da guerra, se comprimento era de dois quilômetros e meio, com até sessenta metros de profundidade e bastante íngreme —, não consigo encontrá-la. Por dez anos, uma olaria bombeou seu entulho para ali, areia, argila e água; o governo soviético queria liquidar Babi Yar até como lugar físico (Petrowskaja, 2019, posição 1839).

Não há dúvida que o apagamento foi intencional. Nem o registro do número de mortos é exato: “Segundo diferentes cálculos, morreram em Babi Yar algo entre cem e duzentas mil pessoas. Cem mil a mais ou a menos — não se sabe nem quantos foram, se um Babi Yar ou dois” (Petrowskaja, 2019, posição 1811). É claro que os alemães, durante o regime nazista, tentaram esconder seus crimes, mas a força de ocupação soviética posterior à Segunda Guerra tampouco se esforçou para elucidar os acontecimentos. Katja resgata as palavras de seu pai: “Hitler matou os leitores, e Stálin, os escritores; assim meu pai resumia o desaparecimento do iídiche” (Petrowskaja, 2019, posição 1830). Ou seja, embora primeiramente o regime soviético combatesse o nazismo e até mesmo tivesse apoiado o estabelecimento do Estado de Israel, não demorou muito para que fizesse, com Stálin no poder, o mesmo que Hitler havia feito: “O fuzilamento do Comitê Antifascista Judaico foi um dos últimos atos de Stálin” (Petrowskaja, 2019, posição 1831).

E se...

Katja Petrowskaja tem uma série de memórias que ela mesma duvida que sejam verdadeiras. Ela não sabe exatamente de onde tirou as histórias e nem sequer quis perguntar ao pai, embora acredite que a informação só possa ter vindo dele. Os estranhos caminhos que nossas lembranças percorrem até chegar ao que acreditamos mais tarde ser verdadeiro e real estão repletos de atalhos, onde são adicionadas leituras, realidades de outros sonhos paralelos, e, por que não, alguma criação. Klüger discorre sobre a possibilidade de a informação no texto ser de alguma forma verdadeira: “O impacto causado pelo romance autobiográfico também deriva consideravelmente do nosso conhecimento (ou adivinhação) de que pelo menos uma parte da narrativa é verdadeira” (Klüger, 2009, p. 22). Sim, as premissas mais importantes são verdadeiras: Katja tem ascendência judaica e perdeu boa parte da família durante a ditadura nazista — outra parte foi perseguida durante a ditadura comunista. Esses são os fatos; os demais detalhes que não podem ser confirmados em seus pormenores assumem a particularidade do romance e foram diferentes para cada um. A escritora Rosa Monteiro aponta como as lembranças assumem diferentes formas de acordo com o tempo e seu interlocutor: “O que contamos hoje sobre a nossa infância não tem nada a ver com o que contaremos daqui a vinte anos. E o que você lembra da história comum familiar costuma ser completamente diferente daquilo que seus irmãos lembram” (Montero, 2003, p. 12). Por isso, quando tenta relembrar a história, supostamente contada em algum momento remoto pelo pai, de como ele sobreviveu ao evento do Babi Yar, Katja precisa que ela seja verdadeira. O avô teria sido avisado, por um vizinho, da proximidade e do perigo dos alemães. Quem pôde, deixou Kiev, mas os meios eram escassos. Então, surgiu um espaço num pequeno caminhão. Junto com a mudança dos parceiros de empreitada, a futura família de

Katja ocupou o veículo. Não havia espaço para seu pai, então um fícus foi retirado do caminhão para fazer espaço para ele, ainda criança. Mas já não há mais certeza se esse foi mesmo o enredo da fuga.

O fícus existiu ou é ficção? A ficção nasceu do fícus ou foi o contrário? Talvez eu nunca consiga determinar se o fícus que salvou meu pai de fato existiu em algum momento.

Telefone para ele, que me consola.

— Mesmo que ele não tenha existido, às vezes esses atos falhos dizem mais que um inventário meticuloso. Às vezes é justamente a pitadinha de poesia que torna a lembrança fiel à realidade.

E assim foi que meu fícus fictício foi reabilitado como objeto literário (Petrowskaja, 2019, posição 2168).

O próprio pai, depois de muito refletir, passa a lembrar do fícus, mas não sabe mais se é o fícus da fuga ou o fícus de Katja. Ao se deparar com as inúmeras possibilidades, a autora decide aceitar as brincadeiras de sua mente e, ao mesmo tempo, convida o leitor a participar de sua crença:

Como não existiu o fícus, mas nós existimos, isso significa que, afinal, ele existiu, sim, ou deve ter existido, porque, se não tivesse existido, tampouco existiríamos nós, não teríamos nos salvar; eu digo “nós”, mas quero dizer meu pai, porque se meu pai não tivesse sido salvo, como poderia ele se lembrar do fícus, e como poderia tê-lo esquecido? Fica demonstrado, portanto, ou talvez se possa demonstrar, que devemos nossa vida a uma ficção (Petrowskaja, 2019, posição 2176).

Então, se chegamos até aqui, é porque estamos dispostos a dar um voto de confiança a uma ficção verossímilante que, em linhas gerais, é completamente real e, nos seus detalhes mais particulares, até pode ser verdade.

Considerações finais

O caminho que percorremos junto à autora atrás dos vestígios de sua família compõe uma obra de qualidade excepcional. Disso não há dúvida. A veracidade dos fatos narrados não é uma questão pertinente: todos já foram comprovados e as anedotas familiares, Katja afirma que não só não tem como provar, mas que ela mesma duvida de algumas histórias. De outras, preferia nem ter sabido:

O passado traía minhas expectativas, escapava-me das mãos e cometia um deslize atrás do outro. O patriarca que narrou a história gloriosa de minha família era filho ilegítimo, mas isso eu não podia escrever; Oziel não enviudara cedo e, para completar, aquele Adolf, um nome comum à época mas alarmante para mim. Adolf confirmou meu receio: o de que eu não tinha nenhum poder sobre o passado, que vive como quer, só não consegue morrer (Petrowskaja, 2019, posição 1312).

Não é só Petrowskaja que não pode controlar seu passado. Nenhum de nós pode. Muito menos podemos conter nossos sentimentos em relação aos acontecimentos e aos

traumas que herdamos através das relações familiares. No caso dos descendentes do extermínio da Segunda Guerra Mundial, tal emoção é muito mais intensa, já que até hoje existe uma incompreensão absoluta sobre os eventos traumáticos daquela época.

Mas as narrativas derivadas da literatura de testemunho trazem respostas ao escritor e aos leitores enquanto seres humanos. Sobre as vivências e experiências: o narrar, o testemunhar nos permite sentir e compartilhar. Ao finalizar a leitura de Petrowskaja, nós, leitores, talvez não estejamos mais ricos em informações históricas, mas em material humano. Além disso, o testemunho, ainda que herdado através das gerações familiares, permite à escritora encontrar e compreender uma nova identidade de si mesma.

Referências

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Tradução de Paulo Soethe (coord.). Campinas: Unicamp, 2011.

IZQUIERDO, Ivan. *A arte de esquecer: cérebro e memória*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2010.

KLÜGER, Ruth. Verdade, mentira e ficção em autobiografias e romances autobiográficos. In: GALLE, Helmut; OLMOS, Ana Cecilia; KANZEPOLSKY, Adriana; IZARRA, Laura Zuntini (Orgs.). *Em primeira pessoa: abordagens de uma teoria da autobiografia*. São Paulo: Annablume, 2009. p. 21-30.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora Unicamp, 1992.

MONTERO, Rosa. *A louca da casa*. Trad. Paulina Wacht e Ari Roitman. Rio de Janeiro: PocketOuro, 2003.

PETROWSKAJA, Katja. *Talvez Esther*. Trad. Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. *E-book*.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François et al. Campinas: Unicamp, 2007.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. O testemunho: entre a ficção e o 'real'. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora Unicamp, 2003. p. 371-386.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Testemunho da Shoah e literatura. In: JORNADA INTERDISCIPLINAR SOBRE O ENSINO DA HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO, 10., 2009, São Paulo. *Anais [...]* São Paulo: Unicamp, 2009.

TADIÉ, Jean-Yves; TADIÉ, Marc. *Le sens de la mémoire*. Paris: Éditions Gallimard, 1999.

Recebido em: 01/05/2024.

Aceito em: 26/09/2024.